LITERATURA BRASILEIRA I

Dia 29 - Local: CEL01 - 14:00-18:00

Coordenador(a): *Sérgio Nesteriuk Gallo*

A EXPRESSIVIDADE NA POESIA DE PAULO HENRIQUES BRITTO

Letícia Paula de Freitas Peres (USP), Null

A recursividade sintática é observada como efeito expressivo na poesia de Paulo Henriques Britto, poeta carioca contemporâneo. Elementos tradicionalmente vistos como responsáveis pela coesão e coerência textuais ganham uma dimensão nova e/ou são substituídos por recursos pouco comuns. Formas consagradas de composição, como sobretudo o soneto, sofrem renovação pelo uso de uma linguagem própria da prosa.

A METÁFORA METALINGÜÍSTICA EM MANOEL DE BARROS

Kelcilene Grácia da Silva (UNESP)

A poesia do sul-mato-grossense Manoel de Barros é construída de rupturas, de frases fragmentadas, de montagens insólitas, de metáforas complexas e inusitadas. A gramática, nas mãos do poeta, é subvertida, a linguagem abre novos caminhos e se deixa conformar pelo estranho. Tema sempre retomado por Barros, a metalinguagem se dá principalmente através de imagens metafóricas incongruentes, seja quando confrontado o discurso barreano à norma gramatical, seja quando confrontada a representação da natureza à in-correspondente referencialização lingüística. A presente comunicação procura evidenciar a presença de um projeto metalingüístico na obra de Manoel de Barros já a partir do primeiro livro do poeta, Poemas concebidos sem pecado (1937). "Cabeludinho", poema de abertura desta coletânea, constitui, através de jogos figurativos, um romance de formação que é uma plataforma, um manifesto, uma "profissão de fé", um ideário metapoético que as obras posteriores corroboram, homologam e reafirmam.

DAS MARGENS AO INFINITO - A TRAJETÓRIA POÉTICA DE AFONSO HENRIQUES NETO

Andréa Catrópa da Silva (USP)

O poeta contemporâneo Afonso Henriques Neto, desde seu livro de estréia O misterioso ladrão de Tenerife - lançado em 1972 - até seu último trabalho Ser infinitas palavras - uma coletânea publicada em 2001 - apresenta uma obra poética de características bastante singulares.

Em um primeiro momento, quando chegou ao Rio de Janeiro, o autor deixou-se identificar com o fenômeno carioca que ficou conhecido como "poesia marginal" e que, entre outras características, destacou-se pelo tom informal e "antiliterário".

Ao contrário de outros tantos "poetas marginais", que no decorrer dessas três décadas foram deixando de escrever poesia, Afonso Henriques Neto deu continuidade a sua obra. De seus dez livros, três (O misterioso ladrão de Tenerife, de 1972; Restos & Estrelas & Fraturas, de 1975; e Ossos do Paraíso, de 1981) foram publicados em edições independentes e um (A água não envelhece) permaneceu inédito até a publicação em Ser infinitas palavras.

Uma particularidade interessante na biografia de Afonso Henriques Neto - que não justifica, mas talvez reforce seu compromisso com a literatura - é sua árvore genealógica, da qual fazem parte Bernardo Guimarães, Alphonsus de Guimaraens e Alphonsus de Guimaraens Filho.

Sendo beneficiário de uma rica "herança literária" - e aceitando dar continuidade a uma tradição familiar - o poeta identificou-se, no início de sua carreira, com um fenômeno que justamente buscava desvencilhar-se do "peso" da filiação canônica por meio das aproximações arte-vida e arte-público, com tentativas de estabelecer novas formas de produção e de circulação dos livros e poemas. Esse fato aponta para tensões e contradições que o autor enfrentou em sua vida e que revelam diferentes contornos e matizes em momentos diversos de sua produção poética. Esta se caracteriza pela diversidade temática e pelo estilo que oscila entre sublime e prosaico, entre transcendental e cotidiano, evitando, assim, resvalar na linearidade.

MARGINÁLIA E CONTRACULTURA: EM BUSCA DO DISCURSO POÉTICO DE ARISTIDES KLAFKE NO CONTROVERTIDO CONTEXTO DE 1970

Ana Cristina Tannús Alves (UNESP)

A Poesia Marginal foi um fenômeno poético que se irradiou na década de 70, de maneira descentralizada, tendo como característica primordial a produção e a edição artesanal do livro, além da venda do mesmo fora dos circuitos comerciais. Tal atitude de subtração às leis do mercado torna-se a responsável pelo rótulo marginal atribuído à produção poética do período. Assim, a poesia brasileira começou a adquirir novas características de maneira que os poetas assumiram a produção de seus trabalhos de forma mais organizada e persistente. Aristides Klafke, poeta estreante nos anos 70, funda em São Paulo o Núcleo Pindaíba, juntamente com outros poetas ativos, no intuito de promover a edição de livros de novos artistas, propiciando a discussão da literatura em um tempo de "cravos enferrujados", conforme atesta Klafke no prefácio de Contramão. Portanto, o presente trabalho pretende verificar na dicção poética de Aristides Klafke a hipótese de que sua expressão caracteriza-se pela subjetividade e pelo "enfrentamento das censuras da sociedade" - como diria Iumna Simon. Para tanto, far-se-á a análise de alguns poemas, visando à identificação das individualidades poéticas surgidas na década de 70. Trata-se de avaliar a literatura do período como meio de transformação das mentalidades e crítica à vida social no Brasil, comprometendo pensar as possibilidades de uma arte revolucionária, hoje.

MELTING POT POÉTICO DE SETENTA: UMA PRODUÇÃO PARA LÁ DE ALTERNATIVA

Débora Racy Soares (UNESP)

No intuito de compreender as produções poéticas que efervesciam em sua época, a década de setenta, Antônio Carlos de Brito, mais conhecido por Cacaso, escreve um artigo intitulado

"Atualidade de Mário de Andrade", para a Revista Encontro com a Civilização Brasileira, no calor de 1978. No referido artigo, Cacaso surpreende-se ao constatar a enorme quantidade de poetas que escrevem sob o véu da censura e cujos estilos seriam "discordantes" e "incompatíveis". Ao verificar que seu presente literário era um "presente de grego", além de ser um autêntico "saco de gatos", o poeta e ensaísta adota o termo "especialização de anacronismos" para evidenciar a miscelânea de estilos poéticos de sua geração alternativa, também conhecida como marginal ou do mimeógrafo (BRITO, 1997, pp.154-172).

Heloísa Buarque de Hollanda, ex-participante e uma das estudiosas dessa geração, acredita que os poetas alternativos voltaram-se para o modernismo brasileiro de 22 de maneira estratégica. Em nossa opinião, ao estabelecer em algumas poesias de seu segundo livro, Grupo Escolar (1974), a releitura e atualização das idéias de certos poetas modernistas, em tempo de ausência de liberdade de expressão, Cacaso comprova, em versos, um dos modus operandi de seu melting pot poético. Nossa intenção nesse simpósio é pensar algumas poesias do livro Grupo Escolar e situar Cacaso - artista sui generis - no universo dos poetas alternativos de setenta.

O TEMA DA MORTE NA POESIA DE FERREIRA GULLAR

Carlyne Cardoso de Paiva (USP)

Com um estilo peculiar e próprio, o tema da morte perpassa toda a poesia de Ferreira Gullar, adquirindo contornos cada vez mais complexos e densos até desembocar no poema "Rainer Maria Rilke e a Morte", em que podemos observar um diálogo harmonioso entre duas vozes poéticas aparentemente antagônicas. Esse possui como tema o contraste entre a morte poética desenvolvida por Rilke e a física reconstruída por Gullar. Nosso intuito foi perceber a mediação existente entre estes poetas e de que modo ele auxilia na composição do poema.

Ao longo deste estudo, percebemos que o poema não só segue uma linha cronológica, mas também um fio temático, cujo eixo central são os diferentes tipos de morte existentes na cultura e no fazer poético de Gullar e Rilke. Permeando este fio, existem inúmeras ramificações com temas secundários, mas que também são fundamentais para a constituição do poema. São alguns deles: a solidão, o futuro, a transcendência, o indivíduo moderno e o sublime Rilkeano que parece se contrapor ao cotidiano de Gullar.

Os temas condutores do poema, além de cogitarem entre si todo o tempo, refletem o diálogo latente entre as concepções filosóficas dos dois poetas. Aqui, Gullar em momento algum se suprime para dar voz a Rilke, mas também não faz da sua, absoluta. É extremamente perceptível a cumplicidade estética estabelecida pelo poema entre Gullar e Rilke. Aquele parece ser mais uma prova de que culturas e tempos diferentes podem conviver harmoniosamente no mesmo espaço, contribuindo para o enriquecimento mútuo.

PHILADELPHO MENEZES E A POESIA "FORA DO PAPEL"

Sérgio Nesteriuk Gallo (PUC-SP)

O século XX assistiu - no Brasil e no mundo - ao surgimento e à expansão de novas tecnologias poéticas. Meios técnicos como a fita magnética, as mesas de efeitos sonoros / visuais e o

computador, por exemplo, transformaram-se em novas ferramentas usadas por alguns poetas na construção e desenvolvimento, sobretudo, da chamada poesia "fora do papel". Tal poesia encontra-se inserida dentro das formas expressivas da contemporaneidade, dialogando principalmente com o universo das artes plásticas e seu campo denominado de "arte e tecnologia". Embora a interseção da arte com a ciência e a tecnologia não seja uma novidade - podemos afirmar que ela sempre esteve presente nas mais diversas culturas e sociedades humanas -, foi no século XX que esta se tornou mais abreviada e impactante, portanto mais perceptível. O presente trabalho propõe uma breve análise da trajetória e da obra de Philadelpho Menezes, pioneiro de duas dessas manifestações no Brasil: a poesia sonora e a poesia em hipermídia.

UM ACENO PÓS-MODERNO EM AD NADA, DE RENATO GONDA

Lorena Vita Ferreira (UNESP)

Este trabalho tem como propósito enfocar a poética do autor contemporâneo Renato Gonda (1959) em seu livro de poemas AD NADA (1994), a partir de uma perspectiva pós-moderna. Tal abordagem justifica-se por notarmos na obra uma informação estética baseada em um posicionamento niilista de seu eu-lírico que o impulsiona a questionar os absolutismos impostos à existência humana e à linguagem. Em decorrência disso, surge um sujeito poético descentrado, portador de identidades múltiplas e construtor de uma linguagem hermética, que é constituída por diversos procedimentos estéticos. Esse deslocamento da identidade cartesiana do eu-poético coincide com a tentativa freqüente de destituir e dar novos sentidos ao vocábulo nada, sem estabelecer nenhum como único. Nesse sentido, o jogo de significados é priorizado, permitindo a ele indagar também as noções ocidentais a respeito de Deus e Nada. Esta pesquisa é fundamentada nos autores que tratam sobre e/ou fundamentam o pós-modernismo, tais como Coelho (1995); Derrida (1978) e Hall (1999).